

Programa de Extensão Doce Flauta de Pelotas: flauta doce para adolescentes

Cássia Neivert¹

Universidade Federal de Pelotas – UFPEL

Priscila Kuhn Scherdien²

Universidade Federal de Pelotas – UFPEL

Resumo: A experiência aqui relatada está sendo realizada no Centro de Artes - CA da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, com adolescentes³ dentro do Programa de Extensão Doce Flauta Pelotas, sob a orientação da coordenadora Lélia Negrini Diniz⁴. Neste relato de experiência, será tratada a proposta pedagógico-musical desenvolvida nas aulas de flauta doce voltada para o público adolescente.

Palavras-chave: Flauta doce; adolescente; educação musical.

O Programa de Extensão Doce Flauta de Pelotas é proposto por professores de Música da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) às Redes de Educação Básica da região com o intuito de difundir uma prática musical através da flauta doce para pessoas da comunidade em geral (crianças a partir de seis anos, adolescentes e adultos), bem como o diálogo com os estudantes da Universidade. O Programa conta atualmente com doze bolsistas, cada qual detém uma diferente atividade, dentre elas estão: aulas; arranjo de repertório para os grupos; composição e acompanhamento dos estudantes ao piano e ao violão. Os alunos participantes do Programa iniciaram seus estudos no ano de 2010 e, atualmente, as classes de flauta doce para adolescentes são ministradas por dois bolsistas do curso de Música⁵ e uma bolsista para apoio pedagógico, sob a coordenação da professora Lélia Negrini Diniz. Em cada aula, as habilidades técnicas são exploradas e, por sua vez, são vivenciadas na execução do repertório e em exercícios específicos. Aprimoram-se, também, as questões de execução do repertório e do fazer musical em grupo. Em momentos específicos, os flautistas têm a oportunidade de tocar com os diferentes grupos que compõe o Programa, avançados ou iniciantes.

¹ Acadêmica do curso de Licenciatura em Música com habilitação em Piano da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL.

² Acadêmica do curso de Licenciatura em Música com habilitação em Piano da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL.

³ Lei nº 8.069/90- ECA: Art. 2º Considera-se criança, para os efeitos desta lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente, aquela entre doze e dezoito anos de idade.

⁴ Lélia Negrini Diniz Professora do Curso de Música da Universidade Federal de Pelotas e coordenadora do Programa de Extensão Doce Flauta de Pelotas.

⁵ Licenciatura.

Além dos pontos citados acima, a compreensão musical precoce apresentada por alguns alunos se deve, muitas vezes, à existência de um grande número de bandas escolares na região de Pelotas, onde os discentes têm a oportunidade de experimentar a performance em grupo, tal qual é o caso dos alunos de flauta doce, cuja vivência musical adquirida nas escolas é notada e auxilia no aprendizado oferecido pelo Programa.

De acordo com Giroux (1999),

Precisamos levar a sério, como um aspecto da aprendizagem, o conhecimento e as experiências que constituem as vozes individuais e coletivas através das quais os alunos identificam e dão significado a si mesmos e aos outros (GIROUX 1999, p.123).

Juntamente com os objetivos envolvendo habilidades técnicas (ritmo, sonoridade, articulação, respiração, entre outros), busca-se aprimorar o trabalho em grupo, considerando que o mesmo ajuda a desenvolver a capacidade de socialização, tão importante nesta faixa etária.

Segundo Swanwick (1994);

[...] Para começar, fazer música em grupo nos dá infinitas possibilidades para aumentar nosso leque de experiências, incluindo aí o julgamento crítico da execução dos outros e a sensação de se apresentar em público. A música não é somente executada em um contexto social, mas é também aprendida e compreendida no mesmo contexto. A aprendizagem em música envolve imitação e comparação com outras pessoas. Somos fortemente motivados ao observar os outros, e tendemos a "competir" com nossos colegas, o que tem um efeito mais direto do que quando instruídos apenas por aquelas pessoas as quais chamamos "professores". (SWANWICK, 1994).

Outro aspecto levado em consideração é o repertório das aulas. De acordo com Torres (2003),

Uma grande preocupação na escolha do repertório é a aplicação didática das obras e o interesse dos próprios alunos por ele. É necessário fazer uma opção por obras que os alunos possam executar com sucesso técnico (Torres *et. al.*, 2003, p.64).

Nesse momento, optou-se por apresentar aos alunos um repertório composto por músicas brasileiras, contextualizado e discutido durante as classes. Os arranjos são feitos para duos, trios e quartetos de flautas com o auxílio dos bolsistas, que incorporam suas ideias vindas dos diferentes campos de formação musical. Com isso, as aulas tornam-se mais dinâmicas e criativas.

Para Wladimir Karbusicky (1986), a música é uma linguagem e possui três diferentes qualidades do signo verbal: o ícone, cujo é a representação do mundo

exterior, o índice, como forma de expressão subjetiva do compositor, e o símbolo, sendo uma mesma representação em várias obras. Não basta apenas conhecer a teoria, é necessário compreender a música em sua totalidade, visando cultura e lazer.

Através dessa proposta, os alunos melhoraram seu desempenho com músicas mais “desafiadoras”, pois a maior dificuldade encontrada é o estudo em casa. Portanto, é imprescindível ao ministrante manter um diálogo aberto com os alunos e conhecê-los (visto que cada um possui um processo próprio de aprendizagem), para que sua atenção não seja dispersa e tenham experiências musicais que os toquem e tenham significado em suas vidas o que de acordo com Larossa (2002, p.2) “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”.

É importante, também, lembrar que os alunos não apenas obtiveram avanços técnicos, mas também estabeleceram vínculos para com os colegas e bolsistas do Programa, o que é essencial para a prática em conjunto. A música se tornou forma de expressão nas suas vidas. Conforme Platão destacava a importância da música na sentença a seguir:

Ele (os mestres da música) familiariza as almas dos meninos com o ritmo e a harmonia, de modo que, possam crescer em gentileza, em graça e em harmonia, e tornarem-se úteis em palavras e ações; porque a vida inteira do homem precisa de graça e harmonia. (PLATÃO apud SILVA, 2010 p. 21).

Referências

BONDÍA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Trad. João Wanderley Geraldi. Universidade de Barcelona, Espanha. 2002.

BRASIL, Lei nº 8.069/90, de 13 de Julho de 1990. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 de Julho de 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>. Acesso em 12 de agosto de 2012.

GIROUX, Henry; SIMON, Roger. *A cultura popular como uma pedagogia de prazer e significado: descolonizando o corpo*. Trad. Magda Lopes. Cruzando as Fronteiras do Discurso Educacional. Porto Alegre, ArtMed, 1999 pp. 211-240.

KARBUSICKY, Wladimir. *Grundriss der musikalischen Semantik*. Darmstadt: *Wissenschaftliche Buchgesellschaft*. Tradução não publicada de Esther Beyer. Local não identificado. 1986.

SILVA, Rubia Fernanda Ribeiro da. *Musicalidade nas Séries iniciais*. Trabalho de Conclusão do curso de Pedagogia da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe – UNIARP, Fraiburgo / SC. 2010. p.21.

SWANWICK, Keith. *Ensino Instrumental enquanto ensino de música*. Trad. de Fausto Borém. *atravez associação artístico cultural*, N. 4/5, 1994. Disponível em <http://www.atravez.org.br/ceem_4_5/ensino_instrumental.htm>. Acesso em 12 de agosto de 2012.

TORRES, Cecília et. al. *Escolha de repertório musical para grupos corais e instrumentais*. In: HENTSCHEKE, Liane & DEL BEN, Luciana (orgs.). *Ensino de Música: propostas para pensar e agir em sala de aula*. São Paulo: Moderna, 2003. p. 62-76.